



A OPINIÃO REPUBLICANA E AS DEPORTAÇÕES

“A Batalha” limita-se a transcrever, sem mais comentários, o que publicava ontem “O Diário do Povo” à cerca das deportações:

“Reptando o governo a desmentir-nos, podemos afirmar o seguinte: No conselho de ministros, em que o sr. Vitorino Godinho manifestou a sua vontade de deportar para a Guiné, sem julgamento, sequer sem culpa formada, todos os indivíduos presos por arbitrio ou ódio da sua polícia, todo o ministério votou contra tal medida.

O sr. Vitorino Godinho, levantando-se, afirmou então que, ou os prisioneiros partiam daí a dois dias, ou ele punha a sua pasta sobre o assunto, vindo a seguir a demissão comunicar às classes conservadoras que o governo lhe recusara essa medida, protegendo os “legionários vermelhos”.

Ante uma tal ameaça, e sem coragem para abrir nessa altura uma crise, o conselho reconsiderou e votou o desterro.

A partir desse instante, com temor da “chantage” dum homem junto dos conservadores e das forças vivas, todo o governo do sr. Vitorino Guimarães ficou amarrado de pés e mãos a esse crime e a essa ignomínia.”

A falta de água

Além de uma das belezas da sociedade actual, com a sua organização burguesa e capitalista. Todos os anos—e há quantos anos já—falta no verão a água em Lisboa. E no entanto, nada se faz para que este problema seja resolvido.

Ao mesmo tempo que falta a água nas casas, vemos regarem-se as ruas com a mesma água, quando há muito, devido à escassez, se devia ter feito uma canalização especial para água de rega e lavagens, e outra de água potável para consumo doméstico. Além disso há várias obras a realizar, das quais resultaria o aproveitamento de outros mananciais que poderiam abastecer convenientemente a cidade.

Porque se não faz tudo isso? Simplesmente porque não é o interesse da população que a Companhia e a Câmara Municipal defendem, uma porque o seu interesse é explorar o mais possível o consumidor sem fazer nenhum sacrifício, a outra, porque não julga que isso traga aos vereadores um aumento de votação nas próximas eleições administrativas. E assim estão os nossos interesses nas mãos dos capitalistas e dos políticos, o que equivale a dizer que eles são continuamente ofendidos.

Enquanto a polícia e a grande imprensa entretêm as atenções com as histórias tenebrosas da Legião Vermelha, querendo fazer acreditar aos leitores que é ela o único mal social, nós vamos sendo vítimas de outras legiões não menos perniciosas do que aquela. A verdade é que, enquanto não for a própria população que tome a si o encargo de cuidar da própria dos serviços que a interessam directamente, estará sempre sujeita a estes absurdos que só numa sociedade capitalista são possíveis.

Se acaso temos a infelicidade de rebentar um grande incêndio, como por vezes sucede, Lisboa pode correr o risco de ser consumida pelas chamas, visto que não há água para o debelar.

Quere dizer que nem sequer a propriedade, base de todo o capitalismo, é bem defendida no regime capitalista. Que admira, pois, que a nossa vida também o não esteja?

Uma cidade desenterrada

LONDRES, 16.—Sem causado sensação a conferência realizada há na Real Sociedade Arqueológica pelos srs. Mitchell Hedzes e Gam, que acabam de chegar dum longa viagem subsidiada pelo Museu Arqueológico de Londres às Américas centrais.

Na sua conferência, os dois eminentes arqueólogos deram conta permenorizada dum importante descoberta no coração de Maya, região dos Honduras britânicos, a da maior, mais singela e mais antiga construção de pedra do mundo.

Nas suas pesquisas, os dois exploradores encontraram uma cidade completa até agora desconhecida, destacando-se entre os seus muitos majestosos edifícios um grandioso anfiteatro, com lotação superior a 10.000 pessoas.

Os dois conferentes, que falaram alternadamente escolhendo cada um para tema da sua oração os pontos da respectiva especialidade, afirmaram que a descoberta em questão é a primeira feita, no seu género, no continente americano.

Os dois exploradores, que trouxeram da sua viagem documentos históricos da sua descoberta, como pequenas colunatas, pedras lavradas e objectos de uso doméstico e guerreiro, vieram a Londres para tratar da entrega desses documentos ao Museu Arqueológico britânico.—(L.)

Notas & Comentários =

Crise ministerial

O governo vai dar com os burrinhos na água, isto é vai entregar a alma ao diabo. Esteve para cair ontem—e não caiu. Esteve para cair hoje—e não caiu. Está para cair hoje, e ainda ficará de pé. Tudo há de esperar da morosidade do parlamento.

O ministério, porém, está facilitando a tarefa dos que hão de o derrubar—apodreando. Já começou a cair aos poucos. O ministro da guerra abandona o governo, recusando-se, por enquanto, a explicar o motivo porque se demitiu. O sr. Vitorino Godinho vai ser forçado a demitir-se por causa do cheque falso de 240.000 francos. Não mostramos regosio pela queda próxima deste governo, embora o que se lhe suceda não possa ser pior, a não ser que haja algum grande vivo que queira imitar o grande morto.

Informações graves

Pessoa que resume a sua assinatura a uma simples palavra—Rodrigo—escreve nos seus artigos factos gravíssimos. A Batalha não costuma servir-se dos depoimentos de pessoas que se ocultam sob o anonimato ou quasi anonimato, como neste caso, para fazer as suas campanhas. Desejamos proceder com lealdade e saber com que contamos.

O nosso solícito informador semi-anónimo deseja, como parece, ser útil a uma causa justa andará melhor procurando-nos directamente a fim de melhor nos esclarecer sobre o importante assunto de que trata a sua carta.

A nossa atitude

Continuando o romance de aventuras que antecedem publicaram, certos jornais afirmam que alguns indivíduos acusados de pertencer à Legião Vermelha, apertados, por aquela maneira gentil que nós sabemos, confessaram, entre outras coisas trágicas, a sua intenção de assaltar a C. G. T. e a Batalha. Motivos? Ainda os mesmos jornais os revelam: não ter a Batalha defendido os atentados pessoais e os assaltos. Admitindo como verdadeira esta versão, ela só prova dum maneira eloquente que a Batalha, independente dos seus críticos e opiniões desassombrosos, tão sujeita está, devido ao seu combate a toda a espécie de banditismo, a cair no desagrado das legiões vermelhas, que assaltam em plena rua o cidadão pacato, como das legiões brancas que corrompem o Estado assaltando os cofres públicos e arruinam o povo honesto e trabalhador.

Basta de sacrificios...

O partido democrático vale o que pesa—no orçamento. E pesa tanto que o seu valor é incalculável. Aquele partido é porém, incapaz de desancar imprevidente, de ficar gosando as delícias de Capua. Todos os dias incessantemente a sua glória acrece, avoluma-se, ganha um maior e mais refulgente brilho.

Esta vez são doadores da maior glória para o partido democrático os prestantes e desinteressados e sacrificados cidadãos Vitorino Godinho, Maia Magalhães e Barbosa de Magalhães. O primeiro tem o desejo bem visível de ser nomeado delegado do governo na C. P., o segundo tem a certeza objectiva de vir a ser o futuro governador de Macau e o último de ser dentro de breves dias governador do Banco de Portugal.

E para acrescentar ainda mais brilho a esta nova glória os três mártires do partido democrático são cunhados uns dos outros. Sómente um reparo, um insignificante reparo fazemos: se há muitas famílias assim no partido democrático não há em Portugal trabalhadores em número suficiente para sustentarem com o seu esforço, com a sua miséria e com o seu sofrimento, tanta glória e tanto martírio...

O vulcão búlgaro

SOFIA, 16.—O chefe da revolução macedónia Michailow foi assassinado no domingo à noite.

A polícia deteve dois indivíduos com aspectos de haverem perpetrado o crime.

Opiniões insuspeitas

“A Batalha” ouve o dr. sr Jaime Cortesão à cerca dos últimos acontecimentos

Não é só a classe operária que tem protestado contra as injustas deportações; alguns jornais, revoltados com os processos indignos dum governo reaccionário que, por escárnio, se acalma de republicano, têm também, dum maneira alevantada e nobre, combatido o envio para as regiões insospitas e mortíferas da Africa de algumas dúzias de pessoas, sem julgamento nem processo regular.

Além dos operários e dos jornais que não estão submetidos às “forças vivas” e que não pregam doutrinas de épocas remotas, tem protestado também homens da envergadura de Magalhães Lima e de Agostinho Fortes. Mais um valioso depoimento trazemos hoje para o nosso inquérito—o depoimento do dr. Jaime Cortesão, illustre director da Biblioteca Nacional de Lisboa, e prosador e poeta de mérito firmado.

Encontramos o dr. Jaime Cortesão no seu gabinete de trabalho; em duas palavras puzemo-lo ao corrente do que ali nos levava, e, imediatamente, o brilhante escritor começa:

—Gosto das ideias claras, e como não desejo que sobre as minhas opiniões possa haver dúvidas, devo declarar que, se de facto houve ou há aquilo a que se convencionou chamar “Legião Vermelha”, isto é, uma associação que, para servir pretéridos ideais, usa do crime e do banditismo, ela merece a minha repulsa, muito mais quando se trata de atentados às cegas, por meio de bombas que ferem crianças, ou atentados que visam pobres trabalhadores.

—?... Não declaro, por mero sentimentalismo, pois não desconheço e dissei não faltam provas, que existe também aquilo a que um amigo meu, o sr. Raúl Prouença, chama a “Legião Mourada”, isto é, uma associação tática de financeiros, industriais e comerciantes que usando de meios faci-

norosos exploram, em proveito próprio, a comunidade. Essa gente a quem, dum maneira geral, cabem mais responsabilidades, merece-me ainda mais desprezo e repulsa, pois os seus crimes nem ao menos exigem coragem.

—Quanto às deportações... —Creio ser um péssimo remédio empregado pelo governo para debelar um possível mal. O que seria necessário é que em Portugal existisse uma justiça nobre, corajosa e incorruptível, a quem se podessem entregar casos tão complicados como estes para que destrinçasse os que são sinceramente idealistas e os que são apenas criminosos vulgares.

E após uma curta pausa, prosseguiu: —Ouço dizer que se repetiram desta vez as barbaridades do caso dos Olivais; já então tive ocasião, na “Seara Nova”, de verberar com a maior indignação esses factos, censurando igualmente o parlamento que não se occupava deles.

E com veemência e uma mal disfarçada indignação, o illustre escritor acentua: —É necessário para que a república se dignifique, que se faça um inquérito rigoroso a esses acontecimentos e se limpe também a polícia de sicários.

—Tem conhecimento do que por aí se diz?... —Sim. O que para aí se afirma, com tantos visos de verdade, seria afrontoso para a consciência de nós todos que ficasse impune, e daria razão a que os republicanos se envergonhassem de o ser.

Aqui terminou a entrevista. Ao retirarmo-nos ocorreu-nos perguntar ao dr. Jaime Cortesão, qual a sua autorizada opinião sobre as arbitrariedades de que são vítimas os jornais, principalmente o órgão da classe operária portuguesa.

—Sou partidário—responde-nos o nosso entrevistado—como não podia deixar de ser, da mais ampla liberdade do pensamento.

UMA REVISTA GRÁFICA

Será possível a sua existência no campo das ideias libertárias?

Como dissemos ontem, escutando as pesadas expressões dos milhares de leitores do Suplemento literário de A Batalha pelo facto das esplêndidas ilustrações que esmaltam os números do nosso semanário não terem o relevo e a nitidez que merecem, o que só se conseguira imprimindo-o em outra máquina e em melhor papel, mas atendendo a que a introdução de tais melhoramentos iria sobrecarregar os seus leitores com o aumento de preço que nem todos poderiam suportar, vai a Secção Editorial de A Batalha tentar a publicação de uma revista popular cuja data do aparecimento por estes dias será fixada.

Esta nova publicação, nas condições em que é feita e pelo preço que será estipulado, permitirá satisfazer os camaradas de bom gosto, que apreciam a Arte e vibram com a Beleza, sem pôr em risco a vida do Suplemento literário de A Batalha cuja existência normal poderia ser alterada com o aumento de preço forçado pelos melhoramentos materiais a introduzir-se-lhe; além de que com esta nova publicação passará a existir mais um órgão na imprensa da vanguarda social. Assim vamos substituindo os órgãos da imprensa burguesa, criando a imprensa social, a imprensa social, aquela que olha, atenta e se preocupa com o mundo do trabalho.

Terá a nova publicação a bafeja-la e a ampará-la a mesma atmosfera de simpatia com que o Suplemento de A Batalha foi recebido e em volta da qual tem vivido? Isto é, será possível a existência entre nós de um magazine operário, de uma illustração verdadeiramente popular, de uma revista social que foque e registre os acontecimentos e actualidades revolucionárias e estrangeiras? Só a experiência poderá responder a esta pergunta, e a Secção Editorial de A Batalha pretende fazer uma experiência, confiada em que a manifesta vontade do operariado de se elevar intelectual e moralmente, a ansia superior já evidenciada de embelezar o seu espírito, se hão de manifestar na possibilidade de se manter uma verdadeira revista gráfica no campo das ideias libertárias.

As arbitrariedades

do actual governo apreciadas pela imprensa estrangeira

A pesar-da mordaza que há semanas estamos sujeitos, os protestos do operariado fizeram já eco no estrangeiro. *Tiempos Nuevos*, semanário de educação e luta que se publica em Paris inseriu um interessante artigo intitulado *O terror “democrático” em Portugal*.

Para que o leitor avalie como são encarados os desmandos da polícia e a complacência governamental vamos traduzir-lhe integralmente, procurando não lhe alterar o sabor:

“Durante o mês de Maio, a cidade de Lisboa tem sido teatro de actos de banditismo repressivo, somente comparáveis aos actos realizados na Bulgária e na Espanha. E esses actos são tanto mais repugnantes quanto é certo que são praticados por um governo chamado esquerdista.

“Em 18 de abril estalou em Portugal um movimento conservador para instaurar a ditadura militar. Em dois dias foi dominado com a ajuda eficaz da classe trabalhadora.

“No dia 21 de abril foi decretado o estado de sitio, e o governo, mandou prender 18 trabalhadores que haviam lutado tenazmente contra a tentativa quarteleira.

“No dia 30 de abril os 18 operários que haviam oferecido seu sangue em defesa da República, eram deportados para Africa... “O estado de sitio, decretado para dominar os reaccionários, apenas serviu para perseguir os elementos operários.

“No dia 16 de Maio, o chefe da policia de Lisboa foi ferido a tiro, e nessa mesma noite a policia, armada de carabinas, invadiu os domicilios de todos os operários conhecidos, levando-os para o Governo Civil a golpes de sabre e à coronhada.

“O numero dos detidos é superior a 150. Os sindicatos têm sido respeitadas pela policia, que não tem sido tido territórios aplicadas aos presos têm sido terribles e um operário, em consequência dos maus tratos recebidos, foi recolhido num manicómio. Outro foi morto pela policia quando era conduzido para o Governo Civil.

No dia 5 saíu um barco com mais de 28 deportados para a Africa.

A maior infâmia é que alguns dos presos que esperavam na prisão o *verdictum* do tribunal foram também deportados para Africa.

“No dia 5 rebentou a greve geral. A policia ordenou a prisão de Silva Campos, Secretário geral da Confederação Geral do Trabalho, e de todo o comité.

“O ambiente é de terror. Os atropelos desmados da policia “democrática” são inumeráveis.

Sacco e Vanzetti

ainda não foram libertados

O caso Sacco-Vanzetti é, entre os processos célebres, aquele que tem tido mais vasta repercussão mundial, embora sejam os acusados apenas dois operários obscuros, e o processo não tivesse nos seus principios um verdadeiro e próprio carácter de classe. Pode-se comparar, debaixo de certos pontos de vista, à questão Dreyfus. É uma armadilha monstruosa, que demonstra até que abjeção moral a nossa chamada civilização fez descer a consciência social, e que faz desesperar da bondade humana e da justiça dos homens.

Para explicar o caso Sacco-Vanzetti, precisamos colocar-nos naquela atmosfera envenenada que se seguiu à guerra, saturada de todos os ódios e de todas as aberrações, fomentada e explorada pelo Procurador geral A. Mitchell Palmer, que fornecia aos jornais artigos, pagos pelo Departamento de Justiça, para excitarem a opinião pública contra os estrangeiros e os radicais.

Uma publicação de Luís F. Post, intitulada *“O delírio da deportação em 1920”* faz a história daquella período de perseguições, que passou na America com um pequeno “reino de terror”, no qual milhares de inocentes foram cruelmente tratados e expostos a prejuizos e sofrimento. As declarações do governo na imprensa eram falsas ou alteradas.

Foi neste período, estando no seu auge a propaganda contra os “estrangeiros”, contra os “radicais”, e contra os “vermelhos”, que foram presos e processados Sacco e Vanzetti. Foram-nos poucos dias depois de ter sido encontrado o cadáver do anarquista Salsedo junto do edifício do Park Row Bldg, onde se encontrava preso havia algumas semanas em companhia de Roberto Elia, e de cujo caso andavam eles tratando.

“A Batalha” vende-se em todas as tabacarias

Caluniosas invenções

A Federação Marítima defende-se dos ro-mances policiais

A Tarde, num dos seus folhetins de ro-cambolismo de meia ljeia, entre várias deploráveis e flagrantemente inexactidões, envolvia a Federação Marítima, com a supinamente célebre Legião Vermelha. Aquele organismo enviou a Tarde uma carta, desmentindo as fantasiosas e caluniosas afirmações do *Sherlokismo* alvar do chefe Xavier. Essa carta não foi publicada, motivo porque a passamos no integra a reproduzir:

“Sr. director do jornal A Tarde.—No legitimo direito de defesa contra uma acusação grave e infamante feita à Federação Marítima, no jornal de que V. é meu digno director, de 9 do corrente mês, no seu artigo *A Legião Vermelha*, o Conselho Federal desta Federação, vem por este meio, esclarecer a V., pedindo ao mesmo tempo o favor da publicação do mesmo esclarecimento.

A Federação Marítima, organismo com objectivos técnicos e profissionais, representante de algumas dezenas de milhares de trabalhadores do mar, não pode senão, por insinuações infames, ser campo de acção das legiões inúmeras, criadas, pela fantasia de quem delas necessita... De resto todos sabem que este organismo, de forma nenhuma forma se pode confundir com as legiões de várias cores, tão pouco de lices servir de campo de acção.

Não é justo, nem honrado, pretender-se confundir um organismo representante de tantos milhares de trabalhadores, com bandos de acaudados aventureiros. Insinuações como a que inseria A Tarde de 9 de Junho a esta Federação, só a grande maldade ou à necessidade de, talvez, por esta forma, justificar qualquer represália que de futuro queiram exercer contra o organismo visado, se pode atribuir.—Pelo Secretariado da Federação Marítima. Antonio Pinto dos Santos.”

O *Diário de Notícias*, que reproduziu o mesmo famosissimo folhetim—pelos visos de falta de intelligencia, a ausência de gramática, a profunda ignorância do chefe Xavier, tem a singular honra de ser inspirador e colaborador de vários jornais—recebeu uma carta da Federação Marítima, da qual publicou um resumo tão sucinto que a matéria que ella continha se volatizou totalmente. Por esse motivo passamos a reproduzi-la:

Sr. Director do jornal “Diário de Notícias”: Mercê das noticias tendenciosas que ultimamente uma parte da imprensa da capital tem publicado acerca da decantada “Legião Vermelha”, envolvendo nos seus relatos vários organismos de trabalhadores, é grande a indignação que reina contra essas mesmas noticias, entre dezenas de milhares de trabalhadores marítimos pela forma vil como se tem pretendido, malevolamente, estabelecer a ligação entre a Federação Marítima e essa célebre “Legião”.

No *Diário de Notícias* de 15 do corrente mês, num artigo acerca da sobredita “Legião”, diz o mesmo “que a sede desta Federação foi em Fevereiro do corrente ano a sede da “Legião Vermelha”, e tão verdadeira é essa noticia, que a Federação Marítima a esse tempo nem sede tinha, reinuindo quando disso tinha necessidade em qualquer sindicato marítimo, tendo esse tempo e até abril reunido na sede do sindicato dos Catraeiros do Porto de Lisboa.

Mentiras tão flagrantes e torpes levamos a muitas dúvidas sobre a obrmidade dos jornais que a tal se prestam, sem averiguarem como devem a veracidade das noticias que lhes enviam para serem levadas ao conhecimento do publico.

Por esta forma indigna de desacreditar os organismos operários, só conseguem a revolta dos que trabalham contra a vilzeia de tal procedimento.

A Federação Marítima é organismo representante de cinquenta mil honrados trabalhadores marítimos, com objectivos meramente profissionais e técnicos que ninguém tem o direito de pretender vilipendiosamente confundir ou amalgamar, aos olhos do publico que a não conhece, com legiões verdadeiras ou supostas de salteadores e homicidas.

Se a Federação Marítima faz sempre a alguém, esse alguém que tenha a coragem e o carácter sufficiente, para atacar tal como ela é, uma organização de trabalhadores, e não como tão abjectamente se tem feito acarretar sobre ela a antipatia do publico, confundindo-a com uma Corte dos Miliares abrigo protector de facinoras, dignos